

Cartas de Itália, por José Carlos Mariátegui

Maria Helena Domingos¹

Resumo:

Este trabalho apresentará alguns escritos do peruano José Carlos Mariátegui em Cartas de Itália, fruto de sua estadia na Europa, quando do seu exílio decorrente das críticas ao governo peruano em seu jornal La Razón. Paralelo a isso, o trabalho visa inserir as reflexões do referido intelectual no contexto do imediato pós-guerra (1914-1918) destacando sua aproximação com o ideário socialista que o levou a agir no campo político fundando o Partido Socialista Peruano, bem como a integrar a equipe de fundação da Central Geral dos Trabalhadores do Peru, além de se envolver nas lutas estudantis e operárias do período. Na esfera cultural destacou-se pela criação da Revista peruana Amauta (1926-1930) palco de divulgação da sua proposta socialista para a nação peruana, num diálogo criativo e prático com outros intelectuais do período e ativa militância nos campos operário e jornalístico.

Palavras-chave: Cartas de Itália, socialismo peruano, José Carlos Mariátegui.

ABSTRACT:

This paper will present some writings of the Peruvian José Carlos Mariátegui in Cartas de Itália, the result of his stay in Europe when he was exiled due to criticism of the peruvian government in his newspaper La Razón. Parallel to this, the work is to insert the reflections of the intellectual context in the immediate postwar period (1914-1918) emphasizing its ties with the socialist ideals that led him to act in the political founding the Peruvian Socialist Party and the mainstream team foundation of the Central General of Workers of Peru, and get involved in student and worker struggles of the period. In cultural sphere underscored by the creation of the peruvian magazine Amauta (1926-1930) stage of disclosure of its proposal to the socialist nation of Peru, in a practical and creative dialogue with other intellectuals of the period and an active worker militancy and journalistic fields.

Key-words: Cartas de Itália, peruvian socialism, José Carlos Mariátegui.

Vous ne savez pas qui est Mariátegui?
Et bien ... C'est une nouvelle lumière de l'Amerique;
un specimen nouveau de l'homme américain.
(Henri Barbusse)

José Carlos Mariátegui é peruano (1894-1930) e fundador da Revista *Amauta* (1926-1930). Revista que já nasceu com um propósito, segundo seu fundador, socialista. Revista de cunho socialista, não-partidária com objetivo claro de formar a nação e o leitor peruanos para a revolução socialista proposta por seu criador.

Desde os 16 anos trabalhou na imprensa peruana, primeiro como ajudante na tipografia do jornal *La Prensa*, de Lima, onde logo depois começa a escrever sob o pseudônimo de Juan Croniqueur, quando publica seu primeiro artigo sobre a atividade artística peruana. Transforma-se em corretor de textos e depois passa a colaborador do mesmo jornal. Após anos de jornalismo, onde teve contato com vários intelectuais peruanos e pessoas do mundo jornalístico, num círculo onde se debatia a respeito de temas variados e polêmicos da atualidade peruana, Mariátegui abandona o pseudônimo e assume sua posição socialista. Em 1916 ingressa no diário limenho *El Tiempo* e em 1918 funda com amigos a revista *Nuestra Época* que acabou por falta de gráfica para imprimir seu jornal.

Por ocasião das greves operárias pela jornada de oito horas e em resposta ao movimento pela reforma universitária, funda com César Falcón o jornal *La Razón* em 1919. O jornal é acusado de fazer oposição ao governo Leguía e Mariátegui é “convidado” a se retirar do país, aceita o cargo de “propagandista do Peru no exterior”, uma espécie de correspondente. Entre a prisão e o exílio, optou pelo exílio.

Viaja pra Itália e seu amigo e colega de profissão César Falcón escolhe ir para a Espanha. Encontram-se na Europa e viajam juntos por várias cidades para acompanhar de perto o movimento operário italiano e assistem à fundação do Partido Comunista Italiano.

Cartas de Itália [1] são os artigos escritos por Mariátegui enquanto esteve na Europa entre 1920-1922 enviando-os para publicação no *El Tiempo*. Quando regressou ao Peru em 1923 proferiu conferências na Universidade Popular Gonzalez Prada (nascida pelo esforço de vários setores, dentre eles o movimento estudantil e o operário) sobre temas que versavam sobre sua experiência na Europa e a respeito do movimento operário e a crise pós - Primeira Guerra Mundial. Essas conferências também se tornaram livro cujo título é *Historia de la Crisis Mundial* [2].

Como José Carlos Mariátegui morreu jovem, aos 36 anos de idade; sua família e amigos editaram seus textos ao longo dos anos, o que nos permitiu chegar aos seus escritos mesmo com o atraso de décadas, como é o caso do Brasil, onde só foi editado em 1975 seu livro mais conhecido e tido como mais importante: *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* [3].

Esse livro fora publicado em vida, em 1928 no Peru. A edição que chegou ao Brasil foi prefaciada por Florestan Fernandes, que vê em Mariátegui um exemplo de “sociologia crítica e militante na América Latina” [4], o “maior expoente do socialismo de sua geração e da década de 20-30, não só quanto ao Peru, mas a toda América Latina”. O livro foi traduzido

em mais de 20 idiomas e em 1994, quando do centenário do nascimento de Mariátegui já contava com 60 edições.

Mariátegui teve todos os seus escritos reunidos em livros, o que às vezes lhes dá um caráter esparso, onde o mesmo admite não ter a preocupação com a unidade, tendo trabalho intelectual fluido livremente, onde o mais importante é a construção do pensamento não a organicidade de um livro: “não é (Sete Ensaios) um livro orgânico”, mas o produto de um labor não-intencional, espontaneamente vinculado à sua confrontação com a vida, a história e a política [5]. Sabia também que podia mudar de idéia e que seu pensamento não estava acabado: “nenhum destes ensaios está acabado: não o estarão enquanto eu viver e pensar e tiver alguma coisa a acrescentar àquilo que eu escrevi, vivi e pensei” (Advertência de *Sete Ensaios*).

Os ‘escritos da juventude’ de Mariátegui (1911-1919) compreendem poesias, contos, teatros, entrevistas, crônica teatral, esboços literários, arte e crônicas políticas escritos para o jornal *La Prensa*. Para se ter uma idéia da quantidade de textos produzidos, citamos como exemplo, as 745 crônicas políticas, escritas entre 17 de julho de 1916 no diário *El Tiempo* e 31 de julho de 1919 no *La Razón*. Alguns autores chamam essa fase de “Idade da Pedra”; apelido que o próprio Mariátegui aceitava.

A experiência como jornalista antes de ir pra Europa, circulando no meio intelectual e editorial limenho, tendo contato com todo tipo de profissional foi importante na formação do escritor e do homem Mariátegui. Segundo Antonio Mellis:

Cuando a fines de 1919 viaja a Europa, en un exílio disfrazado como misión de propaganda, tiene ya algunos puntos fundamentales adquiridos. El tema indígena, las luchas obreras y estudiantiles, la batalla cultural, representan una base sólida para edificar su obra sucesiva. El joven que viaja a Europa lleva consigo un rico caudal de experiencias, que em Viejo continente recibirán el aporte fecundante de otra cultura. [6]

Para Mônica Bruckmann [7], essa é fase da formação humanista de Mariátegui, que foi base para seu aprendizado na Europa. Saiu do Peru com o socialismo na cabeça e ao voltar colocou-se a serviço da propaganda e militância política pelo socialismo, através de *Amauta* e envolvendo-se em todos os movimentos operários e estudantis de seu país. Na Europa ele conhece pessoalmente autores como Romain Rolland e Henri Barbusse, D’Annunzio e Benedetto Croce, dentre outros pensadores importantes para sua formação intelectual. Na ocasião, entrou em contato com o que havia de mais avançado na esquerda européia, através de visita a jornais, artistas, intelectuais, sindicatos e fábricas.

A Revista *Amauta*

Fundada em 1926 por Mariátegui, foi o principal palco de divulgação das idéias socialistas nesse contexto; com uma proposta clara de não tomar partido a respeito das eleições que ocorreriam no país, mas com uma opção ideológica pelo socialismo.

Seu fundador já havia feito uma experiência com um órgão de imprensa independente quando se integra ao grupo *Colónida* [8]. *Colónida* era uma revista literária, já o *Nuestra Época* [9] ingressa diretamente na cena política, mesmo com todas as dificuldades de publicação. Funda depois *La Razón* [10], cuja vida efêmera não impediu representar um ponto de referência para os trabalhadores e estudantes. Vale a pena lembrar que foi por causa de um artigo publicado nessa revista que Mariátegui e César Falcón foram “convidados” a se retirar do país sob pena de serem presos caso recusassem essa alternativa. Mariátegui já assinalava [11] a necessidade de se ter uma imprensa livre, sem intervenção de nenhum partido ou governo, para divulgar suas idéias. Era muito comum que jornais e revistas que faziam oposição ao governo peruano fossem fechados; o que ocorreu com *La Razón*, depois com *Labor* [12], *El Tiempo* e até com *Amauta*.

Muitos textos que foram publicados em *Amauta* também foram publicados em revistas como *Mundial* e *Variedades*, exemplificando como foi rico o diálogo entre esses pensadores e mostrando o papel da imprensa peruana nesse momento de eleições, disputas partidárias, lutas ideológicas, de classes entre outras.

Mas *Amauta* era, sobretudo, uma revista literária, de variada temática e não somente uma revista política. Ao longo de seus quatro anos somam-se 745 autores e temas como filosofia, arte, antropologia, cinema, educação, escultura, música, dança, pintura e medicina.

Encontramos também nas páginas dessa revista, resenhas de livros e revistas, o problema indígena, o proletariado, o movimento estudantil, economia, geografia, história e sociologia.

A parte sobre política versa sobre imperialismo, sindicalismo, socialismo, capitalismo, política peruana, política mundial, política da América Latina, marxismo, nacionalismo, americanismo, comunismo, fascismo dentre outros.

As obras de Mariátegui publicadas postumamente compreendem textos de antes e durante a circulação de *Amauta*, incluindo trabalhos publicados em outros periódicos como *La Sierra*, *Claridad* [13], *Variedades* e *Mundial*.

A vasta produção de Mariátegui, apesar de sua saúde frágil, foi editada várias vezes num esforço da família e amigos para divulgar seu pensamento e manter viva sua contribuição

para a análise da realidade peruana. É lembrado por seus contemporâneos como leitor voraz e sua produção intelectual é prova disso. Lia revistas e jornais estrangeiros, fazia questão de traduzir temas que interessavam ao seu público, incluindo citações em língua estrangeira tal como apareciam nas obras originais. Em *Amauta* foram publicados desde textos de Sorel, Rosa Luxemburgo, Lênin, Romain Rolland, Trotski, Barbusse, Vallejo a autores peruanos e da América Ibérica, sobre arte, política, filosofia, educação e muitos outros temas.

Toda sua vida foi voltada para a atividade profissional, seja como escritor, jornalista ou editor e como militante socialista; fato que se concretiza na fundação do Partido Socialista Peruano (1928) e na fundação da Central Geral dos Trabalhadores Peruanos no ano seguinte e seu engajamento total na sociedade.

Numa entrevista ele assegura: “*“Mi pensamiento y vida constituyen una sola cosa, un único proceso. Y si algún mérito espero y reclamo que me sea reconocido es el de – también conforme a un principio de Nietzsche – meter toda mi sangre en mis ideas”* (Advertência de *Sete Ensaíos*).

Nas páginas de *Amauta* vimos, entre outros, o diálogo entre dois grupos importantes do cenário peruano no período – grupo de Haya e o grupo de Mariátegui – onde, por um tempo trabalham juntos e se divulga a APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana) fundada por Haya [14] em 1924. Vemos também a questão do socialismo peruano, a luta antiimperialista e outros pontos de seus programas. Nas páginas da revista, Haya explicitará os pontos principais do seu programa:

- 1) ação contra o imperialismo yanque;
- 2) pela unidade política da América Latina;
- 3) pela nacionalização das terras e indústrias;
- 4) pela internacionalização do canal do Panamá;
- 5) pela solidariedade com todos os povos e classes oprimidas do mundo.

Neste mesmo espaço assistiremos o fim dessa aliança quando cada um assume sua posição a respeito da luta antiimperialista; da condução de seus partidos e adesão ou não à Internacional Comunista, dentre outros assuntos como a luta operária e estudantil e principalmente sobre a participação do índio e da burguesia peruana na revolução.

Esse episódio marca a nova etapa da revista *Amauta*, tendo o próprio Mariátegui declarado:

Na nossa bandeira, inscrevemos esta única, simples e grande palavra: socialismo. Com este lema, afirmamos nossa absoluta independência frente à idéia de um Partido Nacionalista, pequeno-burguês e demagógico. O trabalho de definição ideológica parece-nos

realizado... Na segunda jornada, já não precisa chamar-se a revista da “nova geração”, da “vanguarda”, das “esquerdas”. Para ser fiel à Revolução, basta-lhe ser uma revista socialista [15].

As relações entre os dois grupos foram cordiais até 1928. Mariátegui não concordava com a idéia de partido único e o diálogo foi interrompido, entre outros motivos, pela própria ação política de cada um, diferentes na prática e na teoria. Haya resolveu apoiar Sandino e Mariátegui desliga-se da APRA quando Haya decide transformá-la em partido único, diferente da proposta inicial que era construir uma aliança continental, uma espécie de frente ampla que congregasse todos os povos da América Latina.

Segundo Anibal Quijano, este rompimento se dá por causa da essência de seus pensamentos, a saber, a idéia que cada um tinha da revolução:

Sin embargo, por debajo de este problema, en realidad estaban en juego las cuestiones sustantivas del carácter de la sociedad y de la revolución en el Peru y en América Latina; el significado de las experiencias en China, México y Rusia; el problema del imperialismo y su papel en nuestros países; las alianzas de clases y la cuestión de la hegemonía social y política dentro de ellas. La corriente nacionalista-democrática, acaudillada por Haya de la Torre, y la socialista-marxista, que Mariátegui dirigía, disputaban la hegemonía y la conducción política del movimiento revolucionario peruano, que el APRA venía canalizando, desde 1924, en su carácter de frente única. La ruptura personal entre Haya de la Torre y Mariátegui no se producirá sino en maio de 1928, tras una carta de aquél, de tono irónico e hiriente, en que acusaba al segundo de europeísmo y tropicalismo: ‘Ponga-se en la realidad y trate de disciplinarse no con Europa revolucionaria, sino con América revolucionária,’ admonizaba Haya. [16].

Se o que estava em jogo era a essência dos seus pensamentos, cada um à sua maneira defendia a sua idéia de como conduzir a revolução em seu país, fazendo da luta política uma prática cotidiana, indo além dos discursos nas revistas e jornais. Simplificando muito, podemos dizer que, enquanto para Haya o índio não era capaz de fazer a revolução por causa de sua condição de submissão, José Carlos Mariátegui acreditava, pelo contrário, no poder da tradição incaica e via na educação um caminho para a formação dessa consciência revolucionária, em união com os estudantes e trabalhadores urbanos.

Sobre o papel da burguesia, Mariátegui defendia que essa burguesia peruana, aliada do poder não tinha motivos para fazer a revolução tal como acreditava Haya. Mariátegui, apresentou um documento intitulado *Punto de Vista Antiimperialista* [17] onde deixa claro sua posição sobre o papel da burguesia comparando-a com a de outros países:

A colaboração da burguesia, e também, de muitos elementos feudais, na luta antiimperialista chinesa explica-se por razões de raça, de civilização nacional, que entre nós não existem. Ao desprezo do branco pela sua cultura estratificada e decrépita responde com o desprezo e orgulho da sua tradição milenar. O antiimperialismo na China, por tanto, pode apoiar-se no sentimento e no fator nacionalista. Na Indo-América, as circunstâncias não são as mesmas. A aristocracia e a burguesia crioulas não se sentem solidárias com o povo pelos laços de uma história e de uma cultura comuns. No Peru, o aristócrata e o burguês brancos desprezam o popular, o nacional. Sentem-se, antes de mais nada, brancos [18].

Noutra passagem desse mesmo documento, vemos:

Enquanto a política imperialista conseguir manipular os sentimentos e as formalidades da soberania nacional destes Estados, enquanto não se vir obrigada a recorrer à intervenção armada e à ocupação militar, contará integralmente com a colaboração das burguesias. Ainda que enfeudados à economia imperialista, estes países ou, mais precisamente, suas burguesias se considerarão tão donos de seus destinos quanto a Romênia, a Bulgária, a Polónia e demais países “dependentes” da Europa [19].

Quanto à luta antiimperialista eles também divergem na medida em que Haya via no antiimperialismo o motivo da luta política, e Mariátegui não aceitava esse motivo como determinante de tal empreitada. Para Mariátegui o caminho seria o socialismo, enquanto Haya não tinha planos de acabar com o capitalismo. Lembrando ainda que Haya preferiu a luta política direta (com a candidatura do PAP) e algumas vezes o confronto armado, quando planejou um golpe que não deu certo e teve que ficar exilado por um tempo. Por sua vez, Mariátegui esperou o momento certo para a criação do PSP pois acreditava que a sociedade peruana ainda não estava preparada para o socialismo. Chegou a fazer parte do Comitê de Propaganda Socialista mas desligou-se deste grupo quando não aceitou transformá-lo em partido por achar cedo demais para tanto. O PSP criado por esse comitê durou apenas alguns meses e acabou sem nem mesmo apoiar o movimento de greve de 1919.

Por isso, a criação do Partido Socialista Peruano (PSP) somente em 1928, sendo que desde a Europa Mariátegui já se reunira com amigos para fundar o partido. O Programa do Partido Socialista Peruano [20] foi redigido por ele, do qual foi também seu Secretário-Geral e, enquanto viveu - mesmo com as críticas e pressões para que se fizesse do PSP um partido comunista - ele não aceitou a mudança. Somente em 1930, sob nova direção e imediatamente após a morte de Mariátegui, o Partido Socialista Peruano se transformou em Partido Comunista, em maio de 1930.

Guerra e revolução nos escritos de Mariátegui

Nosso autor já dizia, antes mesmo de ir para a Europa, que velhos termos não serviam mais, eram só palavras, eles tinham envelhecido. Criticava a palavra fútil, as formas bonitas e novas mas vazias de significado e acreditava numa geração verdadeiramente nova, com novo espírito para fazer a revolução em seu país.

Mariátegui pensa a revolução como um processo em construção, um aprendizado, usando sempre a tradição – no sentido de, o que há melhor numa sociedade, o que lhe é original – como base nesse processo. Essa tradição dá unidade, funciona como amálgama. Ele refere-se ao elemento indígena de seu país, à tradição incaica. Assinala também que tradição e revolução não são antagônicas nessa sociedade: “Tradição é, contra o que desejam os tradicionalistas, viva e móvel... Falo, naturalmente, da tradição entendida como patrimônio e continuidade histórica” [21].

Critica os conservadores no campo literário, a quem chama de tradicionalistas e luta contra o academicismo, o conservadorismo das universidades, a cátedra engessada, e diz que, em poesia, por exemplo, não basta mudar a forma para se criar algo novo, é preciso mudar a essência do pensamento.

E continua a respeito da tradição:

Não se deve identificar a tradição com os tradicionalistas. O tradicionalismo – não me refiro à doutrina filosófica, mas a uma atitude política ou sentimental que deságua em mero conservantismo – é, na verdade, o maior inimigo da tradição. Por que se obstina interesadamente em defini-la como um conjunto de relíquias inertes e símbolos extintos [22].

Segue falando do uso do conceito, o que exemplifica sua preocupação com a prática e com a teoria, com a construção de um pensamento novo, desligado de um passado de dependência, propondo uma análise da realidade peruana baseada em seus elementos reais.

A tradição, no entanto, caracteriza-se precisamente pela sua resistência a deixar-se apreender numa fórmula hermética. Como resultado de uma série de experiências, a tradição tem componentes heterogêneos e contraditórios. Para reduzi-la a um único conceito, é preciso contentar-se com sua essência, renunciando às suas variadas cristalizações [23].

Portanto, concilia no seu pensamento, tradição e revolução, entendida aqui não como um projeto de ascensão ao poder, luta armada, política ou partidária, mas como um processo de renovação da sociedade como um todo, livre dos vícios e erros das gerações anteriores. Por isso sua valorização do passado autóctone de seu povo e a negação do período colonial.

A respeito do termo ‘revolução’ e do seu projeto *Amauta* escreve: “A própria palavra revolução, nesta América, de pequenas revoluções, presta-se a muitos equívocos. Temos de

reinvidicá-la rigorosa e intransigentemente. Temos de restituir-lhe um sentido estrito e cabal” [24].

E sobre a revolução latino-americana define o caráter que lhe atribui: A revolução latino-americana será uma etapa, uma fase da revolução mundial. Será, pura e simplesmente, a revolução socialista. A esta palavra, acrescentem, segundo os casos, os adjetivos que quiserem: “antiimperialista”, “agrarista”, “nacionalista-revolucionária”. O socialismo os supõe, os antecede, abrange-os a todos.

Notamos acima como Mariátegui pensa o nacional sem apartá-lo do universal; o Peru inserido no contexto mundial, nas relações com a América Latina e o mundo. Segundo ele, contra a ‘América do Norte capitalista, plutocrática, imperialista, só é possível opor eficazmente uma América, latina ou ibérica, socialista’.

Empenhou-se na formação de uma consciência revolucionária; seja nos textos, nas palestras ou nos órgãos estudantis e trabalhistas cuja atuação foi intensa, apaixonada, militante. Aliou teoria e prática em todos os momentos da sua vida e a Revista *Amauta* é um dos exemplos dessa trajetória intelectual engajada.

Sobre o socialismo na América Latina escreve: “E o socialismo, afinal, está na tradição americana. A mais avançada organização comunista primitiva que a história registra é a inca” [25]. E acrescenta - um dos trechos mais citados de sua obra - a respeito do socialismo na América: “Não queremos, certamente, que o socialismo seja na América decalque e cópia. Deve ser criação heróica. Temos de dar vida, com nossa própria realidade, na nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano” [26].

O socialismo indo-americano proposto por ele é uma criação, uma construção que ele dizia exigir ‘novo espírito e nova linguagem’, trabalho para uma geração verdadeiramente nova, unindo o elemento autóctone (indígena), representando a tradição e os vários setores do operariado urbano e os estudantes. Só era preciso organização e tempo para que esse movimento caminhasse rumo às mudanças necessárias nesta sociedade explorada desde a colonização e dependente, como tantas outras nações da América, do capitalismo estrangeiro.

Mariátegui não marcou data para essa revolução acontecer, era um processo de longo prazo e pensava que as condições estavam criadas para se fazer a revolução e o Peru devia, mantendo-se numa relação entre o particular e o universal, desenvolver-se sem ter que se isolar do restante do mundo: a economia peruana continuaria inserida na economia mundial e as relações com os países vizinhos continuariam normalmente. Entendia as trocas entre países como algo positivo e necessário.

Para ele também, a ciência e saber europeus não podiam ser ignorados; porém é seletivo nas suas leituras, inclusive do marxismo, e propõe uma aplicação criativa, adequada à realidade peruana, não um simples modelo aplicado à força. Mariátegui tinha muito claro a especificidade da sociedade que se propôs analisar e modificar.

Nosso escritor, no entanto, não fica restrito à análise dos termos, preocupado com conceitualização apenas. Quanto está na Europa ele vê de perto os efeitos da Primeira Guerra e *Cartas de Itália* são um relato, com olhar atento, de quem analisa a realidade européia e sobretudo o movimento operário, com olhos interessados de quem deseja compreender também, problemas próprios de sua pátria.

Para ele a Guerra modificou não só a economia mundial mas também o espírito:

A guerra mundial não modificou nem fraturou unicamente a economia e a política do Ocidente. Modificou ou fraturou, também, sua mentalidade e seu espírito. As consequências econômicas, definidas e especificadas por John Maynards Keynes, não são mais evidentes nem sensíveis do que as consequências espirituais e psicológicas... Duas concepções opostas da vida, uma pré-bélica, outra pós-bélica, embaraçam a inteligência de homens que, aparentemente, servem ao mesmo interesse histórico. Eis o conflito central da crise contemporânea [27].

Segundo Mariátegui, antes da Guerra, a atmosfera da Europa se carregou de muita eletricidade e eles desejaram a guerra:

Os nervos desta geração sensual, elegante e hiperestésica sofreram um mal-estar incomum e uma nostalgia estranha... reclamaram a guerra, quase com impaciência. A guerra não aparecia como uma tragédia, como um cataclismo, mas, antes, como um esporte ou espetáculo. Oh, a guerra – tal como, num romance de Jean Bernier, esta gente a presentia e a desejava - , elle serait très chic, la guerre [28].

Seus artigos de *Cartas de Itália* [29] são sobre questões muito recentes; consequência da Primeira Guerra como a divisão de territórios, questões de fronteiras, problemas de etnias dentre outros. No artigo *El problema del Adriático – A Conferência de Paris*, fala sobre a Itália e a Yugoslavia e suas fronteiras. O debate é: Itália reclama sua parte por ter ajudado a Entente, Yugoslavia diz que essa terra lhe pertence por questões geográficas e políticas (região da Istria e Dalmácia). Fala das repercussões deste problema tanto no lado italiano quanto iugoslavo. Os eslavos que habitavam essa região ficariam sob o poder italiano e a quantidade de italianos na região não justifica sua anexação pela Itália, contra-argumenta o governo iugoslavo e assim por diante.

Fala da Conferência de Londres (1920), da Entente e os diálogos com os soviets:

En Inglaterra, Itália y Francia, las clases trabajadoras han demandado pela paz con los soviets. Los gobiernos no han podido conservar una

política adversa al sentimiento popular. Y en Itália y Inglaterra la presión de los trabajadores ha sido particularmente vigorosa por la fuerza parlamentaria de que disponen [30].

Mais adiante, do medo causado pelo exército vermelho:

Vencedor de sus enemigos, el ejército rojo ha sido mirado como una amenaza. Y no solo como una amenaza para los intereses europeos del Oriente, donde la propaganda bolchevique trabaja por socavar la posición de Inglaterra. No han faltado quienes lo han mirado como una amenaza para el Occidente [31].

E do medo de que aconteça o mesmo que aconteceu na fase napoleônica:

Se ha temido por la suerte de Polônia, de los Estados bálticos. Se ha vislumbrado una probable hegemonía rusa en el vasto sector eslavo. Se ha pensado que la Rusia de Trotsky y Lênin era una resurrección de Francia napoleônica [32].

Analisa os fatores que levariam a Entente a querer “conversa” com os soviets: o fator interno (a pressão dos trabalhadores); o fator militar (os soviets tinham ganhado várias batalhas); o fator econômico (a Europa quer se ver independente dos EUA). O bloqueio bolchevique custava caro para a Europa pós-guerra, daí certa tolerância.

Em *Los culpables de la guerra*, Mariátegui assinala ser o processo judicial “más grande y sonoro de la historia del mundo”. Alemanha seria o juiz, sendo que deveria sê-lo as potências aliadas. Porém, continua, não parece possível pois Alemanha declara-se incapacitada para cumprir o Tratado de Versalhes, que exigia que entregasse os culpados. Os responsáveis pertencem, segundo nosso correspondente, a cinco classes: 1) responsáveis pela política de governo geradora da guerra; 2) pela execução das medidas militares; 3) pelas medidas sem caráter militar; 4) pelas atrocidades com os prisioneiros; 5) pelos crimes da campanha submarina.

Como a Alemanha iria entregar os generais do seu exército, os homens que lutaram por ela? São, segundo Mariátegui, personagens de sua história contemporânea; e os aliados não se contentariam com penas morais. Para os aliados, o julgamento dos alemães pela corte de Leipzig é conveniente por razões políticas: em primeiro lugar os exonera de humilhar a Alemanha, impondo-lhe a obediência do Tratado de Paz cuja execução aumentaria nela o perigo de uma revanche; em segundo, os livra de converter em heróis e mártires, sob os olhos dos alemães, os seus principais acusados de causar a guerra.

Mariátegui coloca o leitor peruano a par da posição da França nesta questão. A França se afasta um pouco, não se envolve tanto, ao passo que a Itália e a Inglaterra a patrocinam esse debate; e a Holanda não aceita entregar o ex - kaiser que se encontra exilado em seu território, numa descrição detalhada dos acontecimentos em sua ordem cronológica, fazendo

seu trabalho de correspondente toma cuidado com a linguagem utilizada pois é um exilado e quer voltar ao seu país, para isso precisará de autorização do governo peruano.

O Partido Socialista Italiano, como não poderia deixar de ser, passa pela análise de Mariátegui, especialmente por que, nesse cenário as forças socialistas estão em efervescência, cada uma escolhendo de qual lado ficar: Moscou ou EUA. E mais, Mariátegui deseja mais do que informar o leitor a respeito do socialismo, ele deseja formá-lo para o socialismo peruano que já estava em sua mente. Traz aos conterrâneos o desenvolvimento do socialismo e suas várias correntes e também as transformações sofridas no pós-guerra. “Después del armisticio, el progreso del partido Socialista turbado por las divergencias suscitadas por la guerra, recuperó su intensidad” [33].

Voltará a essas questões políticas, partidárias e econômicas várias vezes com o desenrolar dos acontecimentos do pós-guerra e as mudanças vividas pela Europa. Tomamos alguns exemplos para ilustrar como fez uma análise da situação e aproveitou para situar o leitor nas questões mundiais de relevância política e que, de certa forma, interessava a qualquer país.

Em abril do mesmo ano escreverá *La Entente y Alemania*, que seria publicado em *El Tiempo* somente em agosto. Nesta carta, comenta sobre os enganos na avaliação de quem pagaria pela guerra e como seria esse pagamento. Os vencedores (Entente) não puderam cobrar da Alemanha pois, da recuperação da Alemanha dependia a recuperação da Europa e para resguardar seus próprios interesses a Entente teve que colaborar com essa restauração.

Assim, a prosperidade econômica dos aliados depende da prosperidade econômica da Alemanha:

Francia, el pueblo a quien cuesta más la guerra, el pueblo que más ha soportado su peso y que es, por consiguiente el que menos pronto puede sentirse benévolo y transigente con el resurgimiento de Alemania, Francia misma conviene ya en que Alemania debe ser puesta en condiciones de restablecerse. Naturalmente, Francia quiere que se le garantice formalmente que este restablecimiento no será para ella una amenaza [34].

Para Mariátegui a atitude da Entente não podia ser outra: para que a Alemanha pagasse sua indenização era mister que reconstruísse sua indústria e seu comércio; para que reconstruísse sua indústria e comércio necessitava que os aliados a ajudassem a conseguir matéria-prima e a exportar seus produtos.

O temor era que a Alemanha se rebelasse contra a indenização e se recusasse a pagá-la; e não se trata unicamente de pagar a dívida, mas de trabalhar e pagar. É dizer, se trata de

dar-lhe segurança de que seu trabalho, ao mesmo tempo que para satisfazer seus compromissos, lhe servirá para restaurar sua grandeza, para readquirir sua posição na Europa.

Alemanha poderia, de outra maneira, achar excessiva e insuportável a carga do tratado; e a possibilidade de que a Alemanha caísse em desordem, assustava mais aos aliados do que aos próprios alemães, pensa Mariátegui. A razão era clara: se a Alemanha não se restabelecesse, se não indenizasse a seus vencedores, quem pagaria os gastos da guerra? Teriam que pagá-los os povos que tinham vencido, o francês, italiano, belga e o britânico. Seria difícil que eles dessem mais dinheiro ainda. O descontentamento poderia levar a uma revolução social. Uma perspectiva ‘terrível’ para os aliados e para os interesses que representam – principalmente o governo inglês, que de acordo com Mariátegui, é o que melhor aprecia as conveniências da sociedade capitalista.

Nas cartas seguintes, segue analisando as consequências deste acordo e como os aliados cedem às demandas da Alemanha por reconhecerem a necessidade de que a Alemanha se reerga prontamente mas exigem que ela desarme e libere seu exército – o que causa outra divergência – pois ela alega não poder fazê-lo por não ter como resistir aos ataques do bolchevismo interno (Partido Comunista se apoderaria da Alemanha) levando a que a dívida não fosse paga e que esse bolchevismo se espalharia e invadiria também os aliados.

Mariátegui então, prevê a Segunda Guerra ao considerar que todo capitalismo é imperialista, e o ressurgimento do capitalismo levaria ao imperialismo e este por sua vez, levaria a outra guerra.

Em *Cartas de Itália* analisa também o fracasso da Liga das Nações, subordinada à Entente; os programas dos Ministros e seus gabinetes, as eleições que se sucedem na Europa; os problemas econômicos na Itália, dentre outros.

Uma passagem que merece destaque é um artigo sobre a natureza da guerra, onde questiona ser revolucionária ou reacionária. E faz reflexões sobre o caráter verdadeiro desta guerra: reacionário. A guerra apareceu como uma guerra revolucionária, que transformaria o mundo e que pôria fim a todas as guerras. Mesmo depois do Tratado de Versalhes, por um tempo, achou-se que isso era verdade. Porém, alerta Mariátegui, a consciência do mundo sobre a guerra começa a mudar. A guerra não foi revolucionária, e somente durante os dias de guerra a humanidade viu-a assim porque precisava desta idéia para se consolar de seus males.

Define a guerra como reacionária:

Los hechos que prueban la naturaleza reaccionaria de la guerra y sus efectos son de una fisonomia precisa, uniforme y definida. En Francia, en el país de la revolución, las últimas elecciones han producido un parlamento conservador, cuyo matiz colectivo no

discrepa mucho, sustancialmente, del matiz particular de Léon Daudet, representante de una extrema derecha anacrónica de chauvinista y ‘camelots’ del rey. En Inglaterra, en el país de la libertad, Mr. Lloyd George que, por una parte apoya su gobierno en las derechas conservadoras, por otra parte reprime marcialmente las aspiraciones autonomistas de Irlanda. En todas las potencias vencedoras prevalece la tendencia al dominio y a la conquista [35].

Ademais, continua: os estados europeus, para reconstituir a riqueza destruída exigem do povo o aplacamento de toda aspiração renovadora de ordem social e econômica. Melhor dizendo: a renúncia temporal a todo ideal revolucionário. Para o Estado se recompôr é preciso que o povo trabalhe cada vez mais.

Antes de la guerra el Estado se declaraba neutral frente a la lucha entre el capital y el trabajo. Ahora reclama virtualmente la cesación de esa lucha. Lo que equivale a ponerse de parte del capital. Y lo que indica, evidentemente, que el régimen capitalista ha sido fortalecido por la guerra. Por la guerra llamada revolucionaria [36].

Nessa linha de análise, vê a reação não somente no campo da política e da economia mas no campo espiritual. Renasce o espírito guerreiro, heróico. Para ele, a guerra desequilibrou as almas; ambiciona-se a glória militar. Mariátegui compara esses ‘homens da guerra’ aos cruzados e ‘condotieros’ da Idade Média; lamenta que a guerra tenha significado uma “regressão à barbarie”. Chama a atenção para esta guerra que simboliza uma luta entre o governo bolchevique e os governos das grandes potências européias. A Revolução Russa foi, talvez o único aspecto revolucionário da guerra. Por isso, talvez, tão combatida, conclui Mariátegui.

Neste conjunto de artigos ainda, temos textos sobre Mussolini e o fascismo, as eleições italianas e os vários partidos concorrentes, o problema da Alta Silésia. Sobre este episódio Mariátegui diz que é um problema entre a Alemanha e os aliados e entre os próprios aliados. Há, portanto, uma solução teórica dos problemas da paz, nas palavras de Mariátegui, assim como o Tratado de Versalhes foi uma solução teórica dos problemas da guerra. Vemos então, quase em tempo real, os desdobramentos desse Tratado e todas as questões econômicas, sociais, políticas e culturais envolvidas nesse processo.

Todavía, *Cartas de Itália* não fala somente de guerra, fala também de literatura, arte, o caso de amor entre Alfredo de Musset e Jorge Sand, sobre cinema, sobre o futurismo, pintura italiana e temas comuns tratados por um viajante que aprecia as novidades e belezas de um lugar que visita pela primeira vez. São também textos que narram impressões corriqueiras sobre a arquitetura italiana, as igrejas, os monumentos, sobre o romance de guerra. Essa coletânea reúne a maior parte de seus escritos enquanto esteve na Europa.

Em *Historia de la crisis mundial* Mariátegui fala também de revolução. Porém, pelo espaço desse trabalho, deixaremos apenas assinaladas algumas questões. Trata-se outra linguagem, outro objetivo, outro público que nosso escritor quer atingir. Nestas conferências Mariátegui usa uma linguagem mais simples, resumida, destinada a iniciar seus ouvintes (na maioria membros do operariado urbano peruano) nas questões sobre a crise na Europa, os setores envolvidos nas mudanças sociais que ocorriam por lá, ou seja, “educá-los” para o socialismo.

A coletânea dessas conferências, já na primeira página, dá um panorama geral dos assuntos discutidos. Pela variedade de temas e subtemas que constam nesta lista nota-se a preocupação de Mariátegui em abarcar todos os processos revolucionários da atualidade e a sua metodologia de trazer ao debate peruano, principalmente entre os trabalhadores, as questões do socialismo europeu e das revoluções destas décadas, chamando a atenção para a contextualização necessária ao entendimento da própria realidade peruana, um panorama do mundo colocando o Peru nessa relação entre o nacional e o universal, do local com o mundial. Para nosso Amauta (sábio, semeador, mestre como às vezes era chamado pelos amigos) o debate das questões políticas mundiais eram necessárias para que sua sociedade pensasse a própria crise, seu passado, seu desafio de construção de uma nação peruana distinta da proposta pelo período colonial e republicano. A polêmica e o debate eram parte importante nesse processo criador da nova nação, com uma nova geração e novo espírito, como dizia Mariátegui.

Cabe salientar que essas conferências foram proferidas na Universidade Popular Gonzalez Prada, órgão fundado pelos estudantes e trabalhadores numa ação conjunta de luta através das greves e reivindicações, dos sindicatos e de alguns órgãos da imprensa peruana, envolvendo ainda alguns setores universitários e intelectuais de toda ordem.

Os tópicos para debate foram: A guerra européia, suas causas políticas e econômicas; a Revolução Russa. A Revolução Alemã. A paz de Versalhes. A agitação proletária na Europa, o fascismo, o socialismo, a III Internacional. O Problema das reparações, o déficit fiscal da França, Itália e Alemanha, os problemas de câmbio. A crise da democracia e a ditadura fascista na Itália, a frente única proletária. A paz de Sévres: A guerra greco-turca. Mustafá Kemal e o ressurgimento turco. A derrota grega. Os problemas do Egito. A Índia. A queda de Lloyd George. A Conferência de Lausana. A crise filosófica: a decadência do historicismo, do racionalismo, do positivismo. O asceticismo, o relativismo, o subjetivismo. Einstein. Oswaldo Spengler. A repercussão da crise na América. Síntese da situação atual da Europa.

Considerações finais

Em 1925, Mariátegui ainda falava sobre a Guerra, porém com uma análise mais apurada pelo decorrer do tempo:

A civilização burguesa caiu no ceticismo. A Guerra pareceu reanimar os mitos da revolução liberal: a Liberdade, a Democracia, a Paz. Mas, em seguida, a burguesia aliada sacrificou-os aos seus interesses e aos seus rancores na Conferência de Versalles. Mesmo assim, o rejuvenescimento destes mitos serviu para que se concluísse a revolução liberal na Europa [37].

Seus escritos, de riqueza temática e reflexões teóricas, são um exemplo de como cada época e cada sociedade produz seus próprios analistas e críticos. Nos remetem também à questão de como se comportava a intelectualidade peruana no período, tendo em Mariátegui um exemplo de como foi colocada a polêmica discussão em torno da adequação de teorias estranhas à sociedade em que se vive e a sua resposta como sinônimo de que essas questões ainda não estavam resolvidas.

Cabe salientar que Mariátegui não era o único que discutia essas questões, havia outros intelectuais que pensavam como ele e os que eram seus adversários ideológicos. O que importa é que essa sociedade passava por transformações e havia projetos, por parte de alguns pensadores ou setores, de se construir algo novo, transformar, modernizar. E ele não estava sozinho, havia um grupo ao redor da Revista Amauta que dialogava entre si e com outros intelectuais da Argentina e do México, por exemplo, pois os problemas eram parecidos: a reforma educacional e universitária, a questão indígena e a questão da terra.

O projeto de Mariátegui era pela nação socialista. Havia outros, como o de Haya de la Torre com sua proposta de frente ampla e de viés nacionalista-democrático, o que tornou os debates na imprensa peruana e nos meios em que circulavam um bom termômetro da produção intelectual nesse contexto, a condução de suas práticas políticas, as polêmicas nos vários jornais e revistas, enfim, uma sociedade que se pensa a partir de seus representantes diversos e que tem na prática cotidiana a ação desses agentes transformadores, que pensam a sua nação a partir de suas especificidades e que colocam em prática seus projetos políticos, congregando setores insatisfeitos dessa mesma sociedade para a luta real, indo além da abstração de conceitos e modelos aplicáveis.

Através da análise desses discursos e da condução desses projetos podemos apreender um pouco mais da história material desses indivíduos inseridos nesse tempo e espaço específicos, permitindo-nos entender como se dava a discussão a respeito da construção de novas nações para os povos latino-americanos.

Segundo Florestan Fernandes Mariátegui não apenas é pioneiro, ele:

Promove as primeiras análises concretas, de uma perspectiva marxista, de vários temas cruciais: a formação do capitalismo na Espanha, a irradiação do capitalismo da Europa para a América Latina, as transformações da dominação imperialista sob o impacto do aparecimento e fortalecimento da grande corporação ou da presença norte-americana, e, sobretudo, as relações entre a base econômica e as estruturas sociais e de poder da sociedade peruana, nas várias fases do período colonial e do período nacional [38].

Mariátegui não viu a Segunda Guerra Mundial. Teria ficado decepcionado com a humanidade? Perderia sua fé? Talvez. Mas já havia previsto que “o imperialismo levaria a outra guerra” quando se referia à situação política do pós-Primeira Guerra e da necessidade de reconstrução da Europa capitalista. Teria visto é que é barbarie.

Concordamos com Aluizio Alves Filho ao dizer que “é um estudioso que destacamos por ter produzido, na década de vinte, uma contribuição original no que diz respeito à questão: teoria (de procedência européia) versus adequação ao contexto latino-americano” [39]. E reafirma: “Entre os que produziram antes de trinta, nenhum outro estudioso soube tão bem adequar o instrumento teórico de procedência européia (no caso o marxismo), às condições peculiares de formação social latino-americana” [40].

Referências Bibliográficas

ALVES FILHO, Aluizio. *Acerca do 'Modo de Produção das Idéias' na América Latina*. 2004. Disponível em http://achegas.net/numero/dezenove/aluizio_alves_19.htm.

BRUCKMANN, Mônica. Dissertação de Mestrado: *Dialética e Imprensa Revolucionária em José Carlos Mariátegui*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

FERNANDES, Florestan. Prefácio de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. 1ª Ed. São Paulo. Ed. Alfa-Omega. 1975.

MELLIS, Antonio. Prólogo de *Mariátegui Total*. Tomo I. 1ª Edición. Conmemorativa del Centenário del Nacimiento de José Carlos Mariátegui. Lima. Biblioteca Amauta. 14 junio, 1994.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Cartas de Itália*. Lima. Ed. Amauta. 1969.

_____ Editorial de *Amauta*: Aniversário e balanço. N. 17. Lima. Setembro de 1928.

_____ *Historia de la crisis mundial*. Lima. Ed. Amauta. 1959.

_____ *Por um Socialismo Indo-americano*. Seleção e Introdução de Michel Löwy. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. 2005.

_____ *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. 1ª Ed. São Paulo. Ed. Alfa-Omega. 1975.

Mariátegui Total. Tomo I. 1ª Edición. Conmemorativa del Centenario del Nacimiento de José Carlos Mariátegui. Lima. Biblioteca Amauta. 14 junio, 1994.

OLIVEIRA, F. N. de. *Amauta Revisitado: a Indoamérica de José Carlos Mariátegui (1895-1930)*. Cenários da Comunicação. São Paulo. V. 6, N. 1, 2007. p. 65-71.

TORRE, V. R. Haya de la. *El antiimperialismo y el Apra*. 5ª Ed. Caracas. Ediciones Centauro. Venezuela. 1976.

Notas:

* Bacharel em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestranda em História Social, pelo PPGHIS da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail para contato: domingosmariahelena@yahoo.com.br

[1] José Carlos Mariátegui. *Cartas de Itália*. Os artigos foram escritos na seção de mesmo nome no diário *El Tiempo* e foram editados, pela primeira vez, pela família em 1969.

[2] José Carlos Mariátegui. *Historia de la crisis mundial*. As conferências na Universidade Gonzalez Prada também foram editadas e se transformaram num livro com o mesmo nome em 1959.

[3] José Carlos Mariátegui. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. 1ª Ed. São Paulo. Ed. Alfa-Omega. 1975.

[4] Florestan Fernandes. Prefácio de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. 1975.

[5] Idem, p. XV.

[6] Antonio Mellis. Prólogo de *Mariátegui Total*. Tomo I. Lima. 1994. p. XIV.

[7] Mônica Bruckmann. Dissertação de Mestrado: *Dialética e Imprensa Revolucionária em José Carlos Mariátegui*. 2006.

[8] *Colónida* era uma revista de jovens literatas e constituiu um movimento de renovação que irrompe contra as regras estéticas e os valores da literatura nacional, denunciando seu espírito colonial, o sucessivismo medíocre da literatura espanhola e reclamando novos modelos estéticos. C.f. Mônica Bruckmann. Op. Cit.

[9] Publicada junto com outros jovens de orientação socialista; impressa nas máquinas gráficas do *El Tiempo*, o que causou mal-estar na direção e foi proibida a sua impressão. Idem.

[10] *La Razón*. Fundada após uma tentativa frustrada de comprar *El Tiempo*. Impressa nas gráficas da Igreja, com compromisso de não atacá-la. Sendo o primeiro jornal peruano de esquerda e também já de orientação socialista.

[11] Mônica Bruckmann. Op. Cit. Nesse trabalho a autora faz uma cronologia da vida jornalística de Mariátegui; fala dos jornais, das datas, locais e fundadores, bem como das polêmicas envolvendo a imprensa peruana a respeito da cena política e como Mariátegui se relacionou com todos esses atores do político. Mostra também o tipo de imprensa defendido por Mariátegui em contraponto aos tipos que existiam no Peru e sua função na vida dessa sociedade.

[12] *Labor* é criado posteriormente (em novembro de 1928) como um suplemento sindical de *Amauta*. É fechado em 1929 quando o governo ameaça fazer o mesmo com *Amauta*. Amigos de Mariátegui aconselham-no para que viaje para a Argentina para editar *Amauta*. Viagem que não chegou a fazer, pois faleceria em abril de 1930.

[13] *Claridad* era dirigida por Haya de la Torre. Identificava-se com os ideais anarquistas, matriz doutrinária na formação do movimento aprista peruano. Mariátegui se torna colaborador da mesma a partir do segundo número e quando Haya é preso, assume a direção da revista e a reitoria da Universidade Popular Gonzalez Prada. Extraído de Mônica Bruckmann. Op. Cit.

[14] V. R. Haya de la Torre. *El antiimperialismo y el Apra*. Venezuela. 1976. APRA (Alianza Popular Revolucionária Americana) foi fundada em 1924 com uma proposta de aliança continental que mais tarde dará origem ao PAP (Partido Aprista Peruano) em 1931. O PAP concorreu às eleições neste mesmo ano, mas não saiu vitorioso nessa primeira tentativa; houve fraudes e muitas impugnações nesse processo eleitoral.

- [15] José Carlos Mariátegui. Editorial de *Amauta*: Aniversário e balanço. N. 17. Lima. Setembro de 1928.
- [16] Citado em: Fábio N. Oliveira *Amauta Revisitado: a Indoamérica de José Carlos Mariátegui (1895-1930)*. São Paulo. V. 6, N. 1, 2007. p. 65-71. Mantivemos a data de nascimento adotado pelo autor, mas a verdadeira data de nascimento de Mariátegui é 1894, porém a certidão de nascimento do mesmo só foi descoberta após sua morte, quando foi descoberto também o nome de seu pai, que sua mãe nunca revelara.
- [17] José Carlos Mariátegui. *Ponto de vista antiimperialista*. Este texto pertence a um documento redigido por Mariátegui e foi apresentado pela delegação peruana na I Conferência Comunista Latino-Americana (Buenos Aires, junho de 1929). Foi lido durante o debate sobre “A luta antiimperialista e os problemas de tática dos Partidos Comunistas da América Latina”. Extraído de: *Por um Socialismo Indo-americano*. Seleção e Introdução de Michel Löwy. Rio de Janeiro. 2005. p. 130.
- [18] José Carlos Mariátegui. *Por um Socialismo Indo-americano*. Op Cit. p. 131.
- [19] Idem.
- [20] Princípios Programáticos do Partido Socialista Peruano. In: *Mariátegui Total*. Op Cit. p. 225-228.
- [21] José Carlos Mariátegui. *Por um socialismo indo-americano*. Op Cit. p.112-113.
- [22] Idem, p. 113.
- [23] Idem.
- [24] José Carlos Mariátegui. Editorial de *Amauta*. Aniversário e balanço. Op Cit.
- [25] Idem.
- [26] Idem.
- [27] José Carlos Mariátegui. *Por um Socialismo indo-americano*. Op Cit. p. 51.
- [28] Idem, p. 52-53.
- [29] *Cartas de Itália*. In: *Mariátegui Total*. Op Cit. p. 735-828.
- [30] Idem, p. 740-741.
- [31] Idem, p. 741.
- [32] Idem, p. 749.
- [33] Idem, p. 750.
- [34] Idem, p. 759.
- [35] Idem.
- [36] Idem.
- [37] *O homem e o mito*. Revista *Mundial*, 16 de janeiro de 1925. Transcrito em *Amauta*, n. 31. Lima. Extraído de: José Carlos Mariátegui. *Por um socialismo indo-americano*. Op. Cit. p. 57.
- [38] Florestan Fernandes em: Prefácio de *Sete Ensaios ...* Op Cit. p. XVIII.
- [39] Aluizio Alves Filho. *Acerca do ‘Modo de Produção das Idéias’ na América Latina*. 2004. Disponível em http://achegas.net/numero/dezenove/aluizio_alves_19.htm.
- [40] Idem.